

# **Reflexões acerca da utilização e das representações sociais dos blogs maternos na atualidade e seus possíveis efeitos na construção da função materna<sup>1</sup>**

Silvia Paula Leite Bicudo

Patrícia L. Paione Grinfeld

Roberta Alencar

## **Introdução**

O presente trabalho traz algumas reflexões acerca da utilização e das representações que os blogs maternos e outras comunidades virtuais têm ocupado na construção da função materna nos dias atuais.

De acordo com Iaconelli (2015) muitos foram os estudos sobre como um bebê e seu cuidador estabelecem vínculos, mas pouco se pesquisou sobre como se dá a transmissão cultural dos conhecimentos em relação aos cuidados e manejo com o bebê.

Partindo deste apontamento, o percurso aqui realizado se apoia na transmissão cultural, ainda que este seja um recorte meramente elucidativo, pois, se entendemos que a construção da função materna se dá a partir da articulação entre psiquismo e laço social, não podemos pensar um separado do outro. No entanto, o pouco interesse e preocupação com o tema da transmissão cultural, parece, segundo a autora acima citada, ser fruto da falsa impressão de que o saber a este respeito é compreendido como naturalmente feminino, dado pela fisiologia, não havendo, por isso, o que se transmitir culturalmente.

## **A construção social da maternidade: do mito do amor materno à pós modernidade**

O mito do amor materno construído no ocidente a partir de interesses políticos e econômicos ao longo dos séculos XVI-XVIII, se baseia na teoria de um suposto instinto maternal da mulher, que, por sua vez, reduz toda a complexidade da função materna ao campo do inato, restringindo-a ao sexo feminino (BADINTER, 1985).

Com os avanços da ciência e a conseqüente descentralização do poder na modernidade, bem como através de importantes discussões sócio-políticas levantadas por movimentos

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IV Colóquio de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae, em 26/08/2016.

de minorias (como o feminista), entre outros fatores que ganharam força no século XIX, a mulher passa a explorar e a ocupar o espaço público. Se até então a maternidade era destino, seja por imposição, salvação ou desejo, a pós-modernidade se estrutura de tal maneira que a opção por ter filhos se torna apenas uma, entre tantas outras possibilidades de escolha, fazendo insustentável a compreensão do instinto materno como um sentimento inerente à mulher.

Em paralelo, com a inauguração da noção de individualidade na modernidade, as famílias, que no período medieval eram extensas, tendo diferentes gerações convivendo em uma mesma propriedade, agora se dividem em núcleos – as famílias nucleares – sendo compostas apenas pelos pais e seus filhos.

Além disso, o confisco do corpo enquanto objeto de estudo de diversas áreas da ciência levou a medicina a outorgar para si o controle e a sabedoria dos cuidados sobre o mesmo (FOCAULT 1988). A obstetrícia, por exemplo, transportou o conhecimento e as experiências relacionadas ao parto e à gestação para os consultórios particulares e hospitais públicos, de modo que, diferentemente das mulheres das sociedades estáveis, que desde a mais tenra idade conviviam entre si em tempo integral participando dos cuidados da gestação, parto e puerpério uma das outras, a mulher moderna fica alienada de seu corpo e distante de sua comunidade de referência.

Essas novas configurações trazem à mulher contemporânea um grande desafio: se acomodar ao novo panorama social feminino que tem uma dupla jornada de trabalho, materna e profissional, e ainda corresponder aos ideais de maternidade de uma época anterior – porém, sem poder contar com os recursos sociais que esta mesma época proporcionava – para lidar com os impasses atuais.

É neste amplo contexto que a convocação do especialista para o centro da relação entre mãe e filho, enquanto intermediário, se faz, aparentemente, necessária. Temos, de um lado, uma mãe que “não sabe”, mas que “deveria saber” e, de outro, um especialista que detém o “saber absoluto”, criando uma relação polarizada que dificulta, quando não impede, uma interlocução entre esses “saberes”. Claro que não estamos deixando de reconhecer a importância da intervenção ou do auxílio de profissionais em determinadas situações; a questão que se coloca é qual o lugar por eles ocupado em cada circunstância.

Se os especialistas ficam na posição de quem dita como deve ser feito, ignoram que a transmissão do conhecimento não vem apenas da aprendizagem formal, através de consultas, palestras, leituras indicadas e afins, mas também das “experiências sociais que o sujeito vai vivendo ao longo de toda sua vida”. E ainda, que tais experiências, “partem de uma concepção cultural antecedente à mulher sobre o que é um bebê e o que é uma mãe, partem do bebê que ela mesma foi um dia, das experiências nas quais pôde conviver com bebês e observar os cuidados que lhes eram reservados e, por fim, da necessidade de construir uma identidade própria diante desses diferentes marcos identificatórios, sejam conscientes ou não” (IACONELLI, 2015, p.72-73).

Esta postura didática, corre, ainda, o risco de atropelar as construções e experimentações dos pais na relação com seus filhos, desestimulando suas percepções ou mesmo desautorizando-os de suas funções.

De acordo com Roudinesco (2003), as novas configurações familiares, legitimadas pela oficialização do divórcio, também contribuíram para que os especialistas entrassem pela porta da frente direto para o seio familiar. Isso porque, na medida em que se desvincula o casamento e a procriação, a instituição família, nos moldes anteriores, fica ameaçada. Assim sendo, especialistas de todas as modalidades das ciências humanas e sociais são convocados para estabelecer uma nova ordem, buscando controlar não só a demografia, mas também a vida privada de modo geral, decretando regras e aconselhando os casais a respeito de sua vida sexual e criação dos filhos.

A entrada na pós-modernidade, se dá sob grande vigilância e com recursos limitados para lidar com os impasses herdados dos períodos históricos anteriores: a ausência do saber adquirido na convivência familiar e comunitária, e dificuldades no manejo com o bebê *versus* discursos especializados. Os primeiros meses da maternidade ou são da ordem da patologia, na medida em que o inato não comparece e que o corpo da mulher é visto como deficitário, ou estão fadados a intensas vivências de falhas e fracassos, uma vez submetidos às condições que a nova organização social produziu.

Seriam, então, os blogs maternos e outras comunidades virtuais na tentativa de construir saídas para as questões apresentadas, tanto em termos de conciliação entre o privado-público, quanto na tentativa de recuperação de espaços de compartilhamento e elaboração de experiências?

## Os blogs maternos e suas possíveis compreensões

O surgimento dos blogs como ferramenta de comunicação a partir dos anos 90 e, mais precisamente, dos blogs maternos na década seguinte, inaugura de modo inédito o debate público sobre as representações da maternidade dentro de nossa sociedade através da voz das mães.

Para Da Silva (2009) os blogs permitem fazer ver e ser visto, uma vez que “o autor de *blog*<sup>2</sup> se forma em função de suas visitas em outros *blogs*<sup>3</sup>, seja para ver o que o outro está dizendo, seja para copiar ou nele se basear” (p.194). Já Nardi et al (2004, apud LOPEZ, 2009) apontam que as pessoas blogam pelo desejo de documentar a própria vida, para expressar suas opiniões, ter uma saída catártica, inspirar a própria criatividade e participar de um fórum da comunidade.

Embora traços do gênero diário<sup>4</sup> possam ser identificados na constituição dos blogs, a comunicação estabelecida através deles é, de acordo com Komesu (2004), uma das práticas possíveis para se buscar respostas às questões subjetivas. Neste sentido, os blogs maternos parecem servir tanto para o resgate de referências quanto para a oferta de novos modelos, mais horizontais, na transmissão de conhecimentos e experiências em relação aos cuidados com os filhos.

No entanto, como a maternidade comumente é vista sob o viés da esfera privada, como algo inato e bem-sucedido, as mulheres que começaram a “falar” sobre a maternidade utilizando-se desta ferramenta foram, na primeira BlogHer Conference<sup>5</sup>, alvo de crítica pelas mulheres que almejavam a equidade de gênero na blogosfera. Como resultado, a marginalidade e o desprezo aos blogs que falavam sobre a criação dos filhos fez com que a terminologia mãe-blogueira fosse ao mesmo tempo fonte de orgulho e embaraço para tais mulheres. Por outro lado, nessa mesma conferência, a colocação de uma das participantes, Alice Bradley, de que os blogs maternos são um *ato radical* por terem o potencial de mudar o discurso em torno das representações da maternidade, conferiu um novo status a essa categoria de blogs. Na conferência do ano seguinte, uma sessão inteira foi dedicada ao tema, revelando que se criticadas ou abraçadas, as mães

---

<sup>2</sup>Grifo do autor.

<sup>3</sup>Idem.

<sup>4</sup>Diário é um gênero textual escrito em linguagem informal, normalmente utilizado para registrar acontecimentos importantes do dia a dia e, em geral, tem o próprio escritor como destinatário.

<sup>5</sup>Conferência realizada em 2005 em San Jose, Califórnia, reunindo mais de 300 blogueiras para discutir o lugar da mulher na blogosfera – <http://www.blogher.com>.

blogueiras estavam sendo reconhecidas pelos dispositivos midiáticos como importante força que não podia ser ignorada.

Conforme coloca Lopez (2009), o formato fragmentado dos blogs permite capturar o retrato multifacetado da maternidade de maneira que nenhum outro meio de comunicação fora capaz de realizar, possibilitando a discussão sobre a maternidade de um modo bastante distinto da imagem da mãe perfeita difundida pelas mídias convencionais e, podemos acrescentar, pelo discurso social vigente.

Na medida em que a rede de apoio às mães foi ficando cada vez mais restrita ao núcleo familiar e os especialistas cada vez mais cuidando das partes do ser humano e não dele de modo integral, os blogs maternos parecem ter se tornado um dos meios para a elaboração dos conteúdos intensificados ou aflorados pela experiência de ser mãe, bem como um importante canal para a desnaturalização da maternidade. Através de registros do cotidiano, eles têm retratado a pluralidade da maternidade, legitimando vivências que não as idealizadas<sup>6</sup>.

Entretanto, justamente porque apontam para a variedade das experiências maternas, com o crescimento do número deles (e de outras redes sociais virtuais), aumentam também as referências e os modelos sobre a maternidade, convidando seus usuários a se encontrarem e dialogarem nas semelhanças. Isso nos leva a compreender os blogs maternos como um espaço para os “iguais” e não para os “diferentes” e, portanto, que a comunidade que se cria, enquanto ambiente de compartilhamento, ocorre pela via da identificação<sup>7</sup>.

Se por um lado o processo de identificação é favorável à construção das identidades, no caso a identidade materna, por outro, há uma polarização que se traduz pelo “o que ‘eu e meu grupo fazemos’ e o ‘resto’, a ‘minha verdade e a do meu grupo’ e o ‘resto’, o ‘meu bebê e os bebês do meu grupo’ e o ‘resto. De acordo com Braga (2008), essa discordância, que pode ser destrutiva em relações particulares, não tem necessariamente o mesmo efeito no relacionamento total do grupo, já que as hostilidades preservam limites em seu interior e muitas vezes garantem suas condições de sobrevivência, demarcando a unidade grupal” (GRINFELD, 2015, p.2).

---

<sup>6</sup>Observamos que o número de homens que escreve sobre a paternidade tem crescido, o que nos leva a crer que os mesmos têm buscado espaços para falar sobre o papel que os pais têm ocupado na criação dos filhos e as vivências desencadeadas pela paternidade.

<sup>7</sup>No senso comum e não em toda a complexidade de seu sentido psicanalítico.

Contudo, ainda segundo Grinfeld (2015), na relação grupal tal discordância pode se revelar intolerância, equivalendo, em certos casos, “àquilo que Freud (1930) denominou *narcisismo das pequenas diferenças*<sup>8</sup>, uma forma de preservar a coesão do grupo, segregando de maneira hostil aquilo que não é possível suportar, olhar, reconhecer” (p.2).

Quando os blogs maternos se constituem a partir da chave semelhança-diferença, eles acabam por reproduzir a lógica binária que convida o especialista a atuar, dando seu veredito final. Não é por acaso que nesses ambientes muitas mães acabam contestando não apenas outras mães, mas também a visão dos especialistas (BRAGA, 2009), transformando os fóruns de discussão em um palco de julgamentos e rígidas posições que disputam o lugar de saber absoluto.

É neste cenário que muitas blogueiras que escrevem sobre maternidade acabam por conferir uma marca universal às suas experiências particulares. Ao se posicionarem enquanto especialistas, atribuem aos blogs maternos um tom quase profissional, fazendo recomendações ou contraindicações que parecem ignorar os atravessamentos de suas próprias vivências e a singularidade daquilo que elas e outras mulheres vivenciam. Um exemplo clássico são os blogs nos quais a mulher se descreve profissionalmente conforme sua formação (jornalista, nutricionista, psicóloga, etc.) e “mãe do fulano e da fulana” – modelo que se repete também nas revistas dedicadas ao cuidado dos filhos. Ser “mãe do fulano” é o que a define pessoal e profissionalmente, ainda que não apenas, tornando impossível a distinção entre a vida privada e a pública da mãe<sup>9</sup>.

A partir deste exemplo, temos que os blogs maternos podem se apresentar como uma saída interessante para o desafio vivenciado na contemporaneidade pelas mães que desejam conciliar maternidade e carreira profissional. Porém, muitas vezes, essa conciliação borra os limites entre a identidade materna e a identidade profissional ao condensar essas duas esferas numa única faceta da mulher. Nestes casos, ao mesmo tempo em que os blogs maternos se apresentam para estas mulheres como uma possibilidade de participação da vida pública sem que tenham que abrir mão da vida privada, ao se colocarem como especialistas acabam por reproduzir a falta de espaços

---

<sup>8</sup>Grifo da autora.

<sup>9</sup>Observamos o inverso também ocorrer com muita frequência entre as mães que são figuras públicas e que levam seu universo privado para o público. Tal situação sugere que a necessidade de falar sobre a experiência materna extrapola o espaço limitado do mundo privado.

livres de imposições e julgamentos para o compartilhamento e as trocas de experiências. Diante deste paradoxo, podemos dizer que estes blogs maternos, embora se apresentem como uma tentativa de a mulher construir maneiras próprias de maternar – o que parece ter sido o que justamente motivou sua origem –, acabam, em alguma medida, minando seu objetivo primordial (exceto quando conseguem escapar do binarismo certo-errado, bom-ruim, entre outros).

Na medida em que o sujeito se constitui através da linguagem, podemos pensar na constituição do sujeito-mãe como aquele que precisa falar ou, escrever, no caso dos blogs. Se a psicanálise é a ferramenta que dá sustentação para que a subjetividade de quem produz a fala se manifeste, parece-nos que também é ela que pode dar sustentação ao que é escrito pelas mães nos blogs, sem beneficiar ou ressaltar um saber em detrimento do outro, mas aproveitando dos diversos e distintos saberes conforme a subjetividade e a história de vida de cada mãe que escreve. Pensar de que forma esta intervenção pode acontecer, é o desafio que nos cabe enquanto psicanalistas.

### **Referências bibliográficas**

BATINDER, E. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRAGA, A. *Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

DA SILVA, F.M. *O leitor de blog: configurações modal e enunciativa*. Signo (Revista do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul), v.34, n.56, p. 184-197, jan.-jun., 2009.

< <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/968/693> >

FOCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GRINFELD, P.L.P. *Quem se agarra a quem, a quê e para quê?*. Trabalho apresentado no III Encontro Internacional e X Encontro Nacional sobre o Bebê (ABEBÊ). Rio de Janeiro, 02/11/2015.

< <http://ninguemcresceozinho.com.br/wp-content/uploads/2016/06/ABEBE-2015-Grinfeld-PLP-Quem-se-agarra-a-quem-a-qu%C3%AA-e-para-que.pdf> >

IACONELLI, V. *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Annablume, 2015.

KOMESU, F. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: “*Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*”. Marcuschi, L.A. e Xavier, A.C. (org.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119.

<[http://files.generotextualemebook7.webnode.com/200000011-4ff6051ea7/hipertexto%20e%20generos%20digitais\[1\].%20novas%20formas%20de%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20sentido.pdf](http://files.generotextualemebook7.webnode.com/200000011-4ff6051ea7/hipertexto%20e%20generos%20digitais[1].%20novas%20formas%20de%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20sentido.pdf)>

LOPEZ, L.K. The radical act of ‘mommy blogging’: redefining motherhood through the blogosphere. *New Media & Society*, Chicago (EUA), vol. 11, nº 5, p. 729-747, ago. 2009.

ROUDINESCO, E. “O poder das mães”. In: *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 147-179.

ROJAS, P. Neurose e desamparo. Sobre as encruzilhadas da modernidade. Trabalho de conclusão de curso apresentado no Seminário “Neurose”, no curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em fevereiro de 2016.